

Illustração

PORTUGUEZA

DIRECTOR
CARLOS MALHEIRO DIAS
 DIRECTOR ARTÍSTICO
FRANCISCO TEIXEIRA

PROPRIEDADE DE
J. J. DA SILVA GARCIA

Redacção, Administração e Officinas de Composição e Impressão

Rua Formosa, 41—LISBOA



AS QUATRO «TIPLÉS» DA COMPANHIA DE ZARZUELA DO D. AMELIA
 (CICKÉ VASQUEZ)



Melo seculo de successo
ESTOMAGO
 O Elixir do Dr Mialhe
 de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente
GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS.
 A'onda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil
 Pharmacie MIALHE. 8, rue Favart Paris

Assignatura da "Illustração Portuguesa" para Portugal, colonias e Hespanha

Por anno	48000 rês
" semestre	24000 "
" trimestre	18200 "

Assignatura co-juncta do «Seculo», «Supplemento Historicistico do Seculo» e da «Illustração Portuguesa»

Por anno	88000 rês
" semestre	48000 "
" trimestre	28000 "
mez (em Lisboa)	700 "

AGENCIA DE VIAGENS



R. Bella da Rainha, 8-Lisboa

ERNST GEORGE

SUCCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens circulatorias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Allemanha, Austria, etc.

Viagens ao Egypto e no Nilo
Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito.
 Cheques para hotels.

VIAGENS BARATISSIMAS Á TERRA SANTA

COMPANHIA
DO

Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Proprietaria das fabricas do Prado, Maranhala e Sobretinho (Thomar), Penedo e Casal d'Herminio (Louza), Valle Maior (Albergaria a Velha). Installadas para uma produçao annual de cinco milhões de kilos de papel e dispondo dos mais finissimos mais aperfeçoados para a sua industria.

***** ESCRITORIOS E DEPOSITOS: *****
 LISBOA—210, RUA DA PRINCEZA, 276
 PORTO—49, R. DE PASSOS MANUEL, 51

Endereços telegr.: LISBOA, COMPANHIA PRADO. PRADO—P. RTO
 —LISBOA. Numero telefonico: 308.

EM 20 DIAS CURA RADICAL
 CÔRES PALLIDAE



ANEMIA
CHLOROSE, CONVALESCENÇA
 pelo
Elixir de S. Vicente de Paula

Em todas as Pharmacias ou no Directo Genat.
 URIEL & DELIGANT, Rua dos Sapateiros 15, 1.ª LISBOA
 300 reis o frasco franco porte em todo Portugal
 PELOILLE, Ruas, 2, Faub. S-Denis, PARIS

HEMORRHOIDAS

CURAM-SE COM OS

SUPPOSITOIOS

ADRENO-STYPTICOS
MIDY

A SEDA SUISSA

É A MELHOR!

Peçam as amostras das nossas sedas novidades de primavera e de verão para vestidos e blusas!

Ottoman, Liberty, Côtelé, Crêpe de Chine, Louzine, Taffetas, Mousseline, 120 cm. de largura a partir de fr. 1,25 o metro, em negro, branco e cor assim como as blusas e os vestidos bordados em batiste, li, toile e seda.

Vendemos as nossas sedas garantidas solidas directamente aos particulares e francas de porte a domicilio.

SCHWEIZER & C.º

Lucerna F. 12. (Suissa)

Exportação Forneecedor
 de Sedas CORTE REAL

UM

TRABALHO

QUE MATA



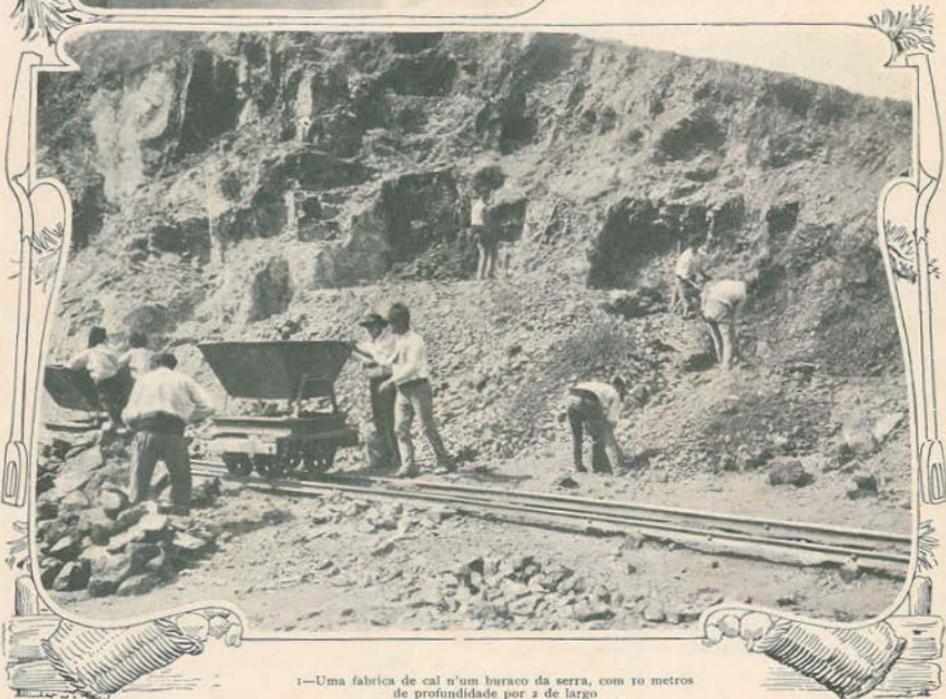
A civilização, — esta civilização moderna, que, aliás, se manifesta tantas vezes em phenomenos regressivos, — é culpada de arrancar, com a mais inaudita e revoltante crueldade, ao esforço extenuante e até ao sacrificio mortifero, de muitos trabalhadores humildes, verdadeiramente escravizados, uma parte dos seus progressos e dos seus confortos. E não ha duvida de que tal accusação se baseia em mais de um exemplo, que toca as almas sensiveis, e que, em bastas occasiões, tem, por isso, inspirado aos poetas, aos idealistas perdidos extemporaneamente n'esta epoca de actividade intensa e de lucta desesperada, ardentes objurgatorias e revoltados protestos, que tambem, como é natural, fazem sorrir os pensadores serenos, como os homens praticos.



1 — Um fabricante de cal
2 — No trabalho das pedreiras



A vida foi sempre um combate duro e sangrento, e essa decantada paz da natureza, com que se illude a visão dos observadores superficiaes, nunca passou de uma mentira flagrante. A vida ha de ser sempre, enquanto subsistir no mundo, o mesmo combate rude e ininterrupto, que, pelo contrario, a civilização moderna tem amaciado e alliviado quando se trata do homem. Assim, essa accusação, comquanto exacta na sua realidade concreta, é por outro lado absolutamente injusta. Demais, a civilização moderna não deve ser sobre-carregada com todos os peccados de Israel. Se ella creou realmente novas necessidades, algumas de simples luxo ainda é certo, que exigem a applicação exhaustiva e o trabalho assassino de muitos párias, que agonisam todos os dias, nas mais obscuras camadas da sociedade contemporanea, eguaes aos escravos na sociedade antiga, — é preciso reconhecer que a maior parte, em todo o caso, das industrias insalubres, das que satisfazem exigencias indispensaveis, não foi seguramente a civilização moderna que as suggeriu e inventou. São, inversamente, industrias ou fórmãs de trabalho tradicionaes, exploradas hoje, até,



1—Uma fabrica de cal n'um buraco da serra, com 10 metros de profundidade por 2 de largo
2—Os cabouqueiros transportando a pedra

quasi sempre em condições bem mais favoráveis para o operario.

Vamos hoje falar de uma d'ellas, da terrivel industria das pedreiras e dos fornos de cal, para a qual acabam de chamar amarguradamente a attenção dos corações compadecidos, n'um comovente brado de piedade, um medico distincto e o collaborador de um jornal operario.

A cal, tão espalhada na natureza, tem, como se sabe, um sem numero de applicações importantes. Além do seu largo emprego nas construcções e do seu grande consumo agricola, é com ella que se fabrica o chloreto de cal, o energico desinfectante de uso tão vulgarisado; é d'ella que se tiram as sodas e potassas; é ella que serve para purificar o gaz de illuminação, etc. Bem poucos serão, afinal, os ramos da in-

dustria em que a cal não tenha uma valiosa utilidade. E' um material que não pode deixar de considerar-se de primeira necessidade, mas que custa, tanto para a extracção da pedra de cal dos

respectivos jazigos, como para a sua calcinação nos fornos, jornadas pavorosas de trabalho que depaupera e mata os pobres operarios que o executam. As photographias que reproduzimos hoje, e que decerto interessarão os nossos leitores, foram tiradas nas pedreiras e nos fornos de Monsanto e Terramotos, onde tivemos ensejo de assistir ao triste espectáculo d'essa labuta assassina.

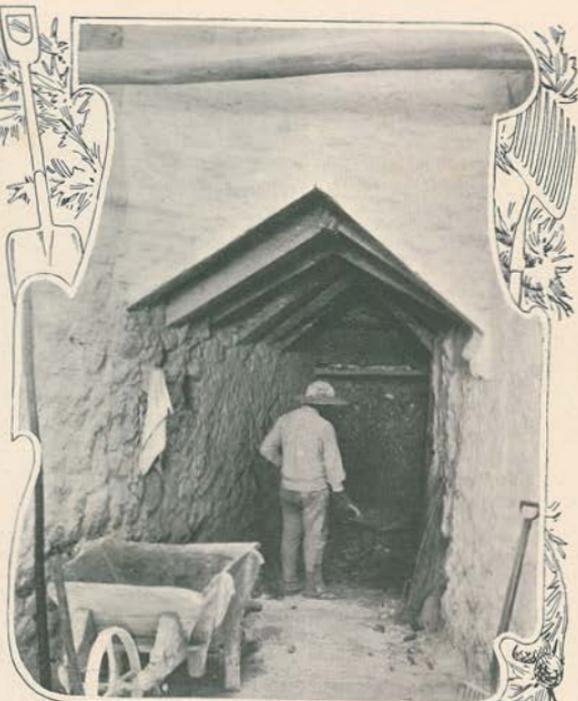
As pedreiras são, geralmente, buracos escavados no chão, começando em trincheira e descendo depois em bancadas successivas, ás vezes até profundidades enor-

1—Um grupo de caboqueiros arrancando a pedra
2—Deitando a cal para o crivo

mes, onde o calor se torna asphyxiante e não corre a mais leve aragem. E' tal a temperatura, n'essas covas medonhas, que as alavancas de aço, chegando a pesar doze kilos, com que os operarios atacam a massa do calcareo, ha occasiões em que as não podem supportar nas mãos. E este trabalho duro e fatigante principia desde o romper do dia e só termina quando a sua luz desaparece.

A sorte dos fabricantes da cal é ainda peor, porém. E' no meio de uma atmosphera saturada do vapor de agua, proveniente da combinação da cal viva com a agua; cegos por uma densa nuvem de pó de cal, que se levanta dos crivos; ao calor infernal que são das boccas dos fornos, que esses desventurados trabalham, com a cara mascarada por um panno, sob telheiros baixos, sem ventilação alguma. Com a pelle gretada, com os olhos queimados, uma das torturas que supportam é a da sede, e... a agua, em certas officinas, é em rações que lh'a fornecem!

Uma visita a essas pedreiras e a esses fornos parece uma digressão ao inferno dantesco.



2—Singrando o forno da cal. 2—Crivando a cal
(Clichés de BRNOLIKI.)



·A·
TOURADA
·DO·DIA·6·
·EM·
BENEFICIO
·DAS·VICTIMAS
DO·TERREMOTO



1—Os cavalleiros e os espadas que tomaram parte na corrida agradecendo as ovações
2—O cavalleiro José Bento d'Araujo mettendo um ferro no primeiro touro



1—O cavalleiro José Bento d'Araujo citando o boi
2—Bombita passando de muleta o quinto touro



O espada «Bombita», na corrida em favor dos sobreviventes do Ribatejo, entrando a matar um dos touros, pertencente á ganaderia de Sua Magestade El-Rei



1—Camisero na sorte de bandarilhas



2—Revertito simulando a sorte de matar



3—Os espadas que obsequiosamente tomavam parte na corrida :

Revertito, Regaterin, Manolete, Bombita e Camisero



(Clichés de BENOLIEU.)

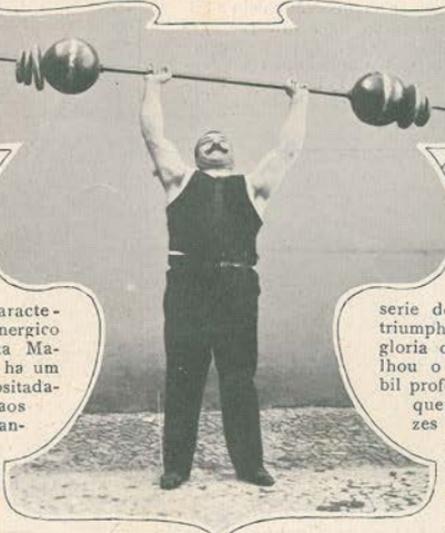
O ATHLETA MANUEL DA SILVEIRA RECORDMAN DO MUNDO



Um arraché curioso
com 60 kilos



Um développé com
51 kilos



A força com dois braços são erguidos 110 kilos!

N'um impulso característico de portuguez, energico e dominante, o athleta Manuel da Silveira seguiu ha mez para Paris, propositadamente, para mostrar aos arbitros alterophilos francezes que executava alguns exercicios de força que eram especialidade de campeões do mundo e de cuja execução os mesmos francezes duvidavam. E nas salas do Gymnase Montmartre, perante os technicos Desbonnet, Niffle, Léon Sée, Chapelier e Robert, o hercules reoresentante do Real Gymnasio Club Portuguez conseguiu, n'um maravilhoso esforço, bater tres records do mundo, do quadro classico do atletismo. A duvida desapareceu. A impressão geral era a de que Silveira, entre os «recordmen» do mundo,

serie dos reis da força. O triumpho foi completo. E da gloria do campeão compartilhou o seu entraîneur, o habil professor Walter Awata, a quem os athletas francezes felicitaram calorosamente. Com um tacto magnifico de instructor e com excepcional proficiencia de mestre, Walter Awata soube adequar em poucos mezes a musculatura

de um homem que iniciava os seus treinos athleticos com 39 annos d'idade, desconhecedor da commodidade d'um alter, ignorante do equilibrio d'uma barra de ferro, mal lido nos assumptos de cultura physica, á execução dos maiores trabalhos de pesos. E ao exito obtido pelo hercules e pelo entraîneur assistiram orgulhosos na sua qualidade de compatriotas os sportsmen Francisco de Serpa Pimentel, Alberto Silva e José de Figueiredo.

Manuel da Silveira conseguiu o seu desideratum. Em Portugal affirmava-se o melhor amador. Em Paris manteve a sua reputação

tinha direito á classificação de um athleta excessivamente forte. O proprio professor E. Desbonnet, que capricha no excessivo rigorismo da sua apreciação, incluiu o robusto portuguez na



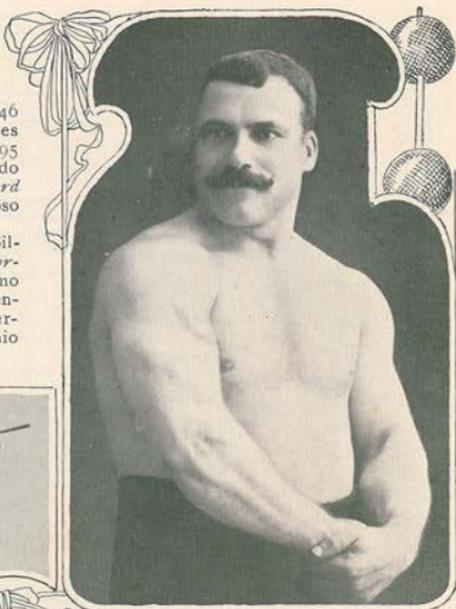
Walter Awata,
entraieur de Silveira
e Dieguez
(Cliché VIDAL & FON-
SECA)



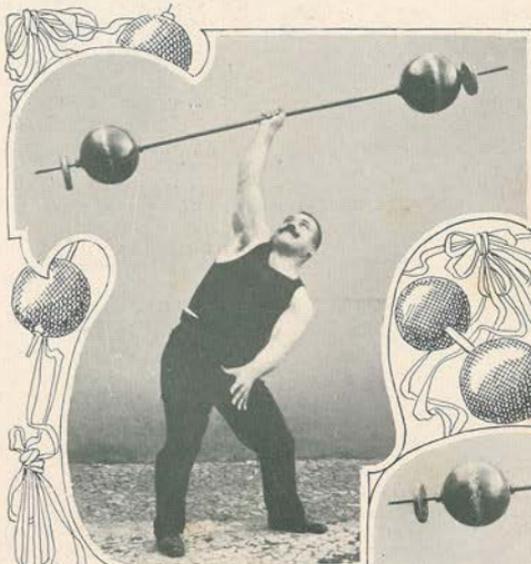
O campeão de athletas
leves
José Dieguez
(Cliché VIDAL & FON-
SECA)

d'um dos primeiros especialistas mundiaes. E o seu maior contentamento, — elle que é um modesto, — mostra-se actualmente quando conta, n'uma fórma pittoresca, como os seus musculos permittiram que, em Paris, levantasse 51 kilos á força no braço esquerdo (antigo *record* do mundo, Vasseur com 46 kilos), 96 kilos á força com os dois braços e com alteres separados (antigo *record* do mundo, Maspoli com 95 kilos) e 186,500 kilos sobre as espaldas, executando duas flexões das coxas sobre as pernas (antigo *record* do mundo official, Lasserterse com 135 kilos, — officioso Emile Deriaz com 150 kilos)!

Estes prodigiosos trabalhos executou-os Manuel da Silveira, na festa effectuada no salão da *Illustração Portuguesa*, na noite de 1 de maio e que, annunciada como de despedida do *recordman*, motivou a cooperação gentil dos srs. Cesar de Mello, Octavio Bobone e Guilherme Salgado em exercicios de lucta, do athleta Antonio



Manuel da Silveira, campeão de força de Portugal 1905-1906-1907-1909—«Recordmans» do mundo—(Cliché VASQUES) ces. O «recordman» era o ultimo representante d'essa pleiade de hercules que trabalhava exclusivamente em força, isto é, sem

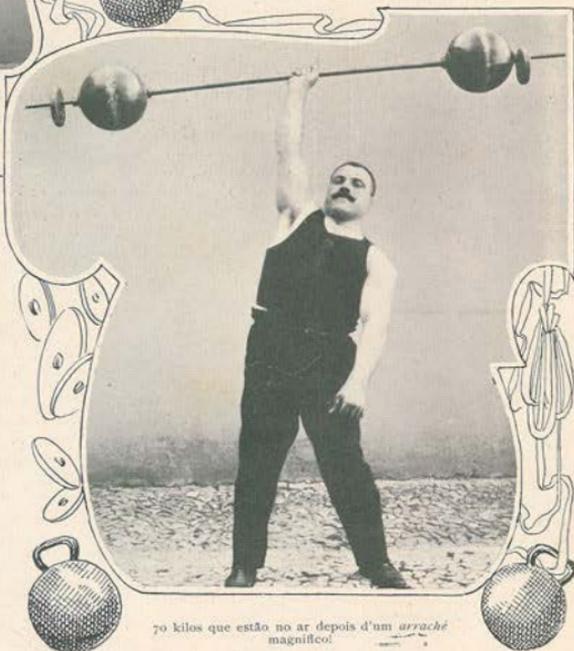


Manuel da Silveira n'um exercicio do *arraché* com 70 kilos

Pereira e do antigo companheiro de treino de Silveira e tambem hercules de grande valia sportiva, José Dieguez.

Manuel da Silveira abandona o atletismo. As suas aspirações limitavam-se a provar a estrangeiros que, em Portugal, ha quem possa rivalisar com os me-especialistas, isto é, aquelles a quem o reclame espaventoso, n'uma larga e berrante publicidade, chamava invenciveis e executores de trabalhos que só elles conseguiam!

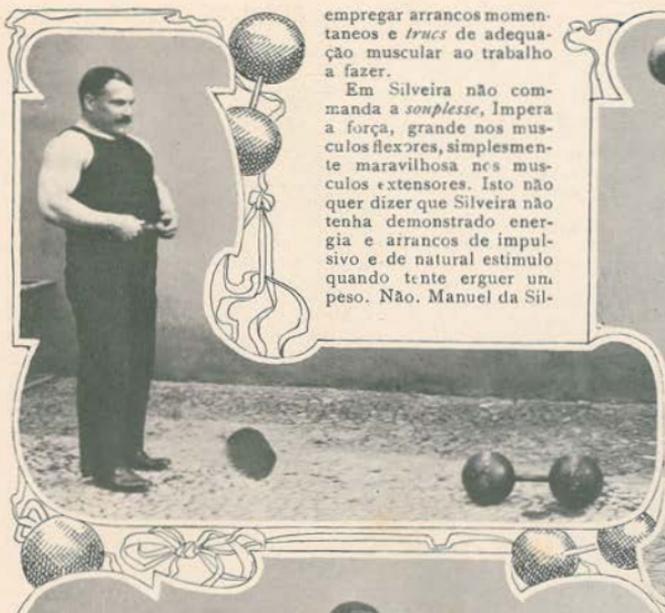
Com Manuel da Silveira desaparece um grupo de athletas que, mercê da sua excepcional compleição physica, da sua corpulencia herculea, de grandes massas musculares e arcaiboicos enormes, executavam prodigiosas *performan-*



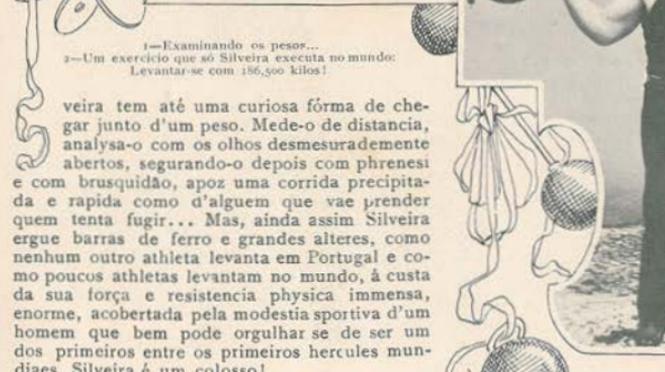
70 kilos que estão no ar depois d'um *arraché* magnifico!

empregar arrancos momentaneos e *trucs* de adequação muscular ao trabalho a fazer.

Em Silveira não comanda a *souplesse*, Impera a força, grande nos musculos flexores, simplesmente maravilhosa nos musculos extensores. Isto não quer dizer que Silveira não tenha demonstrado energia e arrancos de impulsivo e de natural estímulo quando tente erguer um peso. Não. Manuel da Sil-



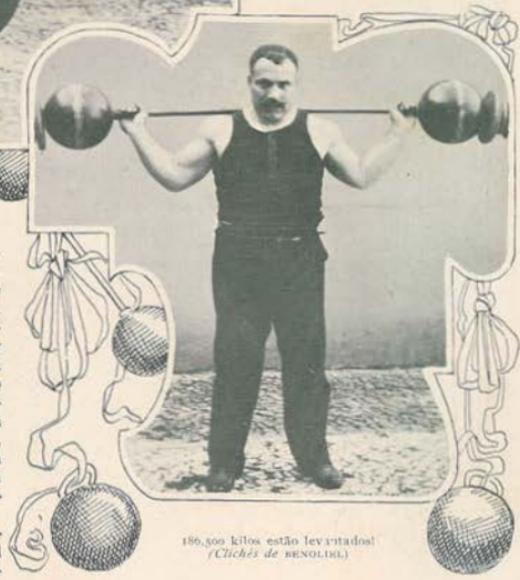
Um *à la volée* difficil com um alter custo de 60 kilos
 ra sempre marcando uma epoca de triumphos, e lembrando aos athletas que hão de formar-se, que em 1009 existia em Portugal um homem que foi campeão entre campeões de força.



1—Examinando os pesos...
 2—Um exercício que só Silveira executa no mundo: Levantar-se com 186,500 kilos!

veira tem até uma curiosa fôrma de chegar junto d'um peso. Mede-o de distancia, analisa-o com os olhos desmesuradamente abertos, segurando-o depois com phrenesi e com brusquidão, apoz uma corrida precipitada e rapida como d'alguem que vae prender quem tenta fugir... Mas, ainda assim Silveira ergue barras de ferro e grandes alteres, como nenhum outro athleta levanta em Portugal, e como poucos athletas levantam no mundo, á custa da sua força e resistencia physica immensa, enorme, acobertada pela modestia sportiva d'um homem que bem pode orgulhar se de ser um dos primeiros entre os primeiros hercules mundiaes. Silveira é um colosso!

Manuel da Silveira desaparece para o athletismo mas nas paginas gloriosas da vida do Real Gymnasio Club Portuguez, o hercules ficará pa-



186,500 kilos estão levantados!
 (Clichés de RENOUILL.)

UMA RECITA DE AMADORES EM BRAGA.

UMA NOVA PEÇA DE JULIO DANTAS



O theatro teve sempre em Portugal devotados cultores na sociedade, desde os tempos arrebicados e gentis da galanteria ingenua, entre perfidas secias de caracoes polvilhados e signaesinhos provocantes. Nas Laranjeiras ou nos historicos salões dos marqueses de Vianna, fizeram-se verdadeiros artistas em memoraveis recitas de elegancia e d'arte, que deixaram as mais agradaveis recordações.



PRIMEIRO BEIJO

A Morgada da Rosa, D. Maria Ignacia de Faria Roby—Fr. Estevam, sr. barão de S. Lazaro
Uma scena da peça entre Fr. Estevam, a Morgada da Rosa e o Morgado de Amardes



João—Sr. Barão de S. Lazaro.
Luzia—D. Maria Clara Dias
d'Oliveira
Raymundo—Sr. Adolpho Mattos.
Dorothea—D. Maria Iguacia de Faria Roby

O SALTO MORTAL.
SCENA FINAL.
João—E' que a menina é tal qual
Como eu! Não tinha talento
P'ra dar o salto mortal!

Mas a pouco e pouco foi amortecendo o gosto e após uma época convencional de formalismos, onde o espirito artistico fracassou, desapareceram com as ultimas cuias os minguados restos d'arte, que por muito tempo foram o raro atractivo de uma sociedade preciosa, mas brilhante. Com as ultimas recitas, morreram tambem os ultimos salões de conversa, e o gosto depauperando-se, o espirito deshabetuando-se da leitura e da arte, fez da grande roda uma coisa anodina, convencional e futil, que, com raras excepções, faz uma vida mesquinha e banal, desprovida de todo o caracter e relevo. Após raras

tentativas, renovou se, porém, desde ha alguns annos, o velho gosto e a sociedade lisboeta tem organizado já brilhantissimas recitas d'arte, como aquella de ha tres annos, em que, no tablado de D. Maria, a sr.^a condessa d'Arnos e a sr.^a D. Celeste Jardim fizeram com delicada galanteria

e com a mais perfeita correcção artistica uma deliciosa peça franceza, que a todos encantou. Depois, o costume generalizou-se e os velhos habitos pareceram resurgir, pondo uma nota d'arte e de portuguezissimo bom gosto n'esta sociedade tão desnaturalisada e frivola.

Em Braga, por exemplo, ha muito que a boa sociedade cultiva, com talento, a arte graciosa, mas difficil de representar.



Em Braga: Da esquerda para a direita: José de Faria Machado, D. Carolina Gomes da Silva Mattos, dr. José Machado, visconde de Nespereira, dr. Julio Dantas, barão de S. Lazaro, José Justino d'Amorim, João Raio de Carvalho, Alberto Mattos



o atractivo do seu fino encanto. A recita que se realizou ha dias foi a mais segura confirmação do talento artistico dos illustres amadores de Braga, que em todas as suas festas conseguem pôr uma nota galante de delicadeza e arte e de agradável requinte.

Para esta festa escreveu Julio Dantas de proposito uma peça em um acto intitulada *O primeiro beijo*, e que é uma pequena maravilha de talento; Lopes de Mendonça acquiesceu a ir assistir á representação do seu *Salto mortal*, e o distincto compositor Oscar da Silva ensaiou e fez cantar por um grupo de gentilissimas senhoras os seus inspirados coros da *D. Mectá*.

Para o successo de um programma organizado com tão fino e discreto bom gosto, e de que fazia parte ainda a *Ceia dos Cardeaes*, não correu pouco tambem o talento intuitivo e raro da elegante partida dos amadores braccarenses. Quem tiver visto já representar a sr.ª

D. Maria Ignacia de Faria Roby, um alto espirito cheio de



PRIMEIRO BEIJO

O Morgado de Amaral—Dr. Ernesto de Magalhães
A Morgada da Rosa—D. Maria Ignacia de Faria

Ha um grupo interessante de senhoras e de rapazes, verdadeiras vocações artisticas, que todos os annos organisam uma festa, sustentando assim a tradição passada das recitas elegantes em Braga, que ainda hoje revive, com todo

brilho e delicadamente culto, a sr.ª D. Maria Clara Dias de Oliveira, uma adoravel ingenua dotada de excepcional aptidão artistica, e os srs. dr. Ernesto de Magalhães, barão de S. Lazaro e Diogo de S. Romão, tres verdadeiros artistas, sabe bem quanto é justo o elogio que lhes fazemos. A nova peça de Julio Dantas, que se representou na recita de Braga, é um primor de factura e de sentimento.

A ESPADA E O DUELLO



O jogo das armas tem, nos últimos tempos, atravessado uma phase de decidida reacção contra o velho convencionalismo, para francamente se lançar no campo da esgrima, por assim dizer pratica, essencialmente combativa.

De facto, o antigo floretista, que, na graciosidade do seu traje de seda e preocupando-se quasi exclusivamente com o effeito artistico dos seus golpes, procurava em brilhantes e complicados ataques, em prolongadas e scintillantes phrases d'armas, cobrir-se de loiros, triumphar do seu adversario, e—talvez de alguns lindissimos olhos que, suspensos, seguiam as phases da lucta,—perdia uma grande parte das suas faculdades, se o seu campo de acção era, não a brunida e luzidia prancha de uma sala, mas uma facha de terreno,



sem preparação, escolhida ao acaso, onde pudesse ferir-se um verdadeiro combate.

E o esgrimista consagrado como triumphador invencivel era por vezes victima de amargos desillusões. Uma guarda falsa, impropria para o verdadeiro combate, não lhe protegia, efficazmente, todas as partes do corpo, e, se o seu adversario, embora muito menos scientifico, mas preocupado em ferir-o, inutilisal-o por qualquer fórma, lhe perseguia n'um movimento persistente, por vezes instinctivo,—a mão ou o braço,—o atirador classico, habituado a proteger exclusivamente —o tronco—onde só tinham valor e eram contados os golpes, via todo o seu saber, fructo de longo e aturado trabalho, annullado por um homem, de quem, com extrema facilidade, disporia na prancha de uma sala d'armas.

O ensino da esgrima começa então a libertar-se das peias de um convencionalismo que o tolhia, e transformava uma arte, cujo fim deveria ser eminentemente pratico, n'um jogo eviado de falsos principios, cheio de ficelles e phantasia.

O mestre d'armas, que até então quasi exclusivamente se limitava a crear no discipulo uma mechanica e correcção perfectas, para o que eram necesarios annos e uma tenacidade pouco vulgar, tem ago-



1—O mestre Antonio Martins, iniciador da esgrima em Portugal
2—Um golpe cavado á mão
3—Um scorns-à-corps»

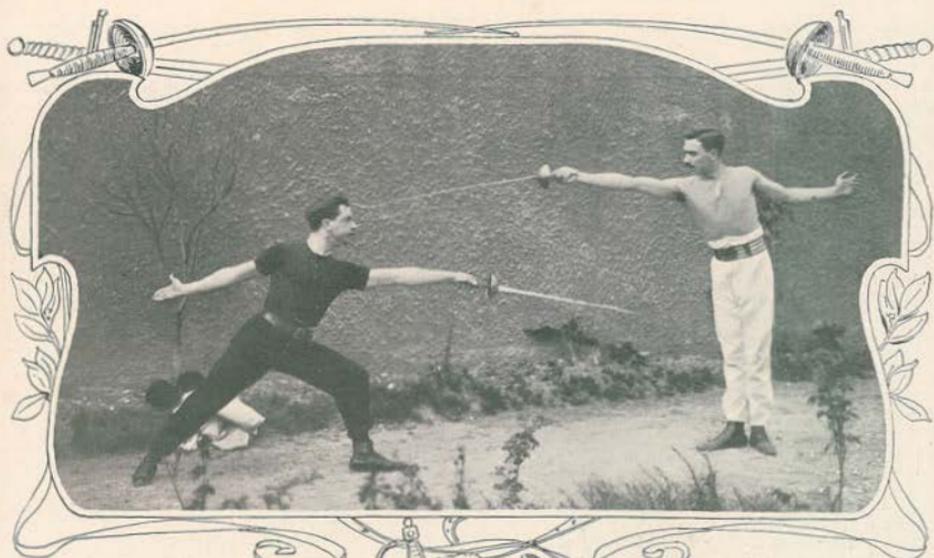
ra uma missão bem mais complexa e difícil.

Em harmonia com a capacidade física do seu discípulo, com as suas faculdades naturais é que elle deverá orientar o seu ensino, aproveitando e desenvolvendo n'uma ficção progressiva e methodica as tendencias e disposições especiaes de cada atirador, para a pratica de taes golpes, para o emprego de certos e determinados processos de combate.

Seguindo esta orientação, que dá á iniciativa individual uma latitude incomparavelmente mais vasta, a esgrima



1—O mestre d'armas Carlos Gonçalves, detentor da scups Penha Longa (amadores e profissionais), na sua guarda de espada; 2—Um golpe em «terça» precedido de «priso de ferro»; 3—Uma «flanconada» (um dos golpes predilectos de Carlos Gonçalves)



da espada perde a sua conformidade classica, — personalisa-se — por assim dizer.

Apparecem então typos de atiradores completamente diferentes: o *trompeur de pointe*, que, dispondo de uma extrema mobilidade, escapa com a sua espada a todas as preparações que o adversario lhe faça, mantendo constantemente a ponta em linha ameaçadora; o *priseur de fer*, que entra atacando, envolvendo com a sua a espada do adversario, e tantos outros. A espada, a arma por



excellencia, não consente, pela sua estrutura de verdadeira arma de combate, que com ella se executem golpes de seguro effeito artistico mas de um resultado *pratico* duvidoso, ou se iniciem ataques de mera phantasia. O assalto perde talvez um pouco do seu brilho, para se approximar d'um verdadeiro combate, e o atirador que se vê forçado a *desembolar* a sua espada, a bater-se, fal-o consciente da sua verdadeira força, do que vale, e se fôr vencido é porque o seu adversario era mais forte.



1—Um «arrêté» á cara
2—Um golpe ao braço, precedido de «ligamento»

JUNOT GOVERNADOR DE LISBOA

A paz de Tilsit consolidou a supremacia de Napoleão I, que proseguiu na faina de remodelar essa teia de Penelope, que se denomina — o mappa da Europa. N'esta conjunctura, os representantes da França e da Hespanha em Lisboa apresentaram ao nosso governo umas proposições, que revestiam o caracter rebarbativo de uma nota cominatória, e, em virtude do pacto de Fontainebleau, Portugal foi retalhado ao sabor do livre alvedrio de Napoleão



e de Carlos IV, que o trataram como roupa de francezes. Volvidos vinte e quatro dias sobre aquella picardia diplomatica, os conscriptos gaulezes, sob a commandancia de Junot, pisavam a gleba luzitana, e, a breve trecho, a côrte portugueza embarcava na esquadra, que zarpou com rumo ao Brazil.

Entrando em Lisboa, Junot foi hospedar-se no palacio do barão de Quintella, na rua do Alecrim, de frente do qual se estadeiava a *Assemblea Inglesa*, outr'ora emula da *Assemblea das Aa-*



1—Junot, duque d'Abrantes
 2—Partida de S. Alteza o principe regente de Portugal para o Brazil
 —27 de novembro de 1807—
 (Composição de H. L'Evêque; gravura de F. Bartolozzi)

ções Estrangeiras, sita na travessa da Assembléa, depois travessa dos Gatos (ao Loreto). Os Governadores do Reino haviam-lhe offercido o palacio da Bemposta, o do Raton, na rua Formosa, e a casa do negociante João Pereira Caldas, que então morava com oito creados no palacio do Loreto, onde substituirá o embaixador Junot. Os seus ajudantes de campo Laval, Prévost, Thomassin, Hersan e o principe de Salm hospedaram-se n'este palacio, que em 1809 foi occupado pelo Commissariado Britannico. E o seu es-

Os historiadores teem aventado diversas opiniões para explicarem a causal determinante de Napoleão ter investido Junot, e não outro, na chefia do exercito invasor de Portugal. Mas o erudito escriptor sr. conde Charles de Moüy, membro do Instituto de França, antigo embaixador em Roma e neto de Junot, disse-nos que, em seu juizo, o motivo capitalissimo d'essa investidura fôra o elle conhecer, melhor do que qualquer outro ge-



«Batalha do Vimeiro, ganha pelas tropas britannicas e portuguezas aos francezes, em 21 de agosto de 1808»
(Composição de Schioppella, gravura de Cardini)

tribeiro Mauricio Cambis, por alcunha o *Rei da Persia*, alojou se, com o general Thiébauld, no palacio do Raton. Passados mezes, o commandante da marinha, Magendie, foi viver para a casa da rua de S. Francisco da Cidade, em que depois estiveram os ministros inglezes Thornton e A'Court e o ministro russo Ozeroff (1855), e está hoje o Gremio Litterario, casa que pertencu a Pedro Zinhago, irmão do popularissimo *Papa Fina*, conhecido typo das ruas. Um dos primeiros actos de Junot consistiu em prohibir a missa do Gallo, prohibição que lhe foi suggerida por uma carta de 16 de Dezembro de 1807, escripta por Timotheo Lecussan Verdier, fundador da fabrica de Thomar e compadre do Principe Regente.

neral francez, os negocios do nosso paiz. Coacto á tyrannia do seu temperamento combustivel, devorado pelo cancro roaz do prazer, Junot tinha a paixão aleatoria da batota, o vicio redhibitorio do fêmeação e uma sensibilidade morbida. Sabia enviscar o sexo fragil, compellido-o a executar essas habilidades gymnasticas de sentimento, a que Sarcey pittorescamente chamou — o duplo trapezio dos corações. E como, segundo Stendhal, a vaidade nasceu franceza, Junot era tão caroavel de pompas que, apenas cingiu a corôa ducal, ordenou que os seus generaes sô fossem recebidos por convite. Mas, certa noite, Delaborde e Loison entraram no palacio do Quintella, contravindo a grotesca ordem, que,

desde esse momento, ficou letra morta. Junot divertia-se em festins Eleusinos no Ramalhão, em despórtos com quebradiças madamas na Porcalhota e no Alfeite, em partidas cynegeticas na Tapada de Belem, em revistas de tropas no Rocio, no Passeio Publico e no Campo de Ourique, em tertulias quasi todas as noites e em bailes nas salas do palacio do Quintella. Embora fôsse mestre em picaρία e capaz de dar quinau aos mais enfronhados praxistas da gineta, os seus exercicios de

e em 13 de Março de 1808, tendo amainado o tempo, que até ahi se conservára frio e desagradavel, Junot pregou com o corpo de baile de S. Carlos no Ramalhão, onde fez uma funçanata de quatro dias, que produziu grande argel. Logo em 12 de Abril seguinte, promoveu outra festança de arromba com varias madamêtas e musica no Alfeite, e n'um dia de Julho fez uma pagodice de estalo no Ramalhão com *Madame Foy* e outras locatarias do coração de Junot. O quarto em que



«Embarque dos francezes, no Cais da Pedra, na gloriosa restauração de Lisboa em 15 de Setembro de 1808
(Composição de Manuel de Maltos; gravura de Angel)

equitação foram burlisqueados pela musa pedestre do povo:

*O Junot anda em Lisboa
A cavallo n'uma canna,
Roendo n'um pé de burro
Cuidando que era hanana.*

João dos Santos, almoxarife do Ramalhão, epistolava a D. Carlota Joaquina em 28 de Setembro de 1808, dizendo-lhe que a condessa da Ega, D. Maria de Noronha «e muitas mais d'este lote» tinham ido com Junot áquella quinta, para extravanganciarem dois dias n'uma pandega de foz em fóra. As patuscadas d'este jaecz repetiram-se com «outros semelhantes diabos e diabas», conforme se expressava João dos Santos,

descaçava no Ramalhão, entre duas crises de felicidade, era o de D. Carlota Joaquina, que estava mobilado com uma cama imperial, coberta por uma colcha de raminhos de prata e seda colorida, um toucador, duas mezas guarnecidas de pedra branca e bronze doirado, seis cadeiras estofadas de nobreza azul clara, um *bidei* branco e oiro, bem estofado, e uma escrevaninha forrada de marroquim encarnado. Junot tencionou passar o estio de 1808 n'este palacio, mas depois mudou de parecer e fez transportar a mobilia para o de Queluz, no intuito de hospedar aqui Napoleão, para quem fez preparar um magestoso throno. Mais tarde (fins de 1808), a mobilia retornou em carros de bois para o



1—William-Carr Beresford, visconde de Beresford. Retrato inglês gravado por P. W. Tomkins e datado de 1830

2—Arthur Wellesley, duque de Wellington. Retrato inglês gravado por T. Woolnoth, e datado de 1828

3—Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, Conde de Amarante e marquez de Chaves



Ramalhão, e o palacio de Queluz serviu de morada a 3 ou 4 generaes inglezes. E, em 1811, ainda se falou em que vinha alojar-se n'elle, por conselho dos medicos, o rei Jorge III de Inglaterra.

O mais apparatus dos bailes offerecidos por Junot, no palacio do Quintella, foi, talvez, o de dia de Reis de 1808. Para este baile fez expedir convites do theor seguinte:

—*Le Gouverneur de Paris, Premier Aide de Camp de Sa Magesté l'Empereur et Roi, Général en Chef des Armées combinées Française et Espagnole, et de l'Armée Portugaise. Prie Monsieur... de lui faire l'honneur de venir passer la soirée chez lui le mercredi 6 Janvier. On se reunira à 8 h. Le 3 Janvier 1808. R. S. V. P.* Ao compasso das quadrilhas d'este baile, agitou-se uma completa phantasmagoria de rendas, musselinas, levantinas, florencias, setins bordados a prata e plumas palpitantes como martinêtes de aves exoticas. Entrementes, os refrescos foram servidos nas quatro salas por creados que trajavam a librê do Quintella: calção de tripe encarnado, meias brancas e farda azul, agalada de largo galão de prata, com as armas da casa em lavor, e botões de metal branco.

A's vezes, Junot convidava

o barão de Quintella e o marquez de Alorna para jantarem com elle. Ainda depois de assignada a convenção de Cintra, offereceu dois lautos banquetes: um a Beresford, ao seu ajudante lord Paget e ao coronel Georges Murray, um dos signatarios da convenção, e outro a sir Arthur Wellesley e a setenta officiaes francezes e inglezes, que refulgiram na fiammancia dos seus fardamentos, ao clarão anemico das bugias.

A historia anecdotica, a historia vista pela objectiva de um binoculo, cita especialmente o *sport* extra-matrimonial que Junot se entregou em Lisboa com a condessa da Ega e *Madame Foy*, mulher do coronel Foy. Esculptural e espirituosa, *Madame Foy* poderia ter assistido ao banquete de Platão, onde Pericles a faria sentar entre Socrates e Alcibiades. Passava muito com Junot e fazia prodigios hippicos sobre um enorme cavallo preto, apto a correr o páreo com o celebre *Primavera* do Principe Regente, cavallo de que Thiébault se apoderou e vendeu depois com outros a Be-



Retrato publicado no Porto em 16 de janeiro de 1816, desenho de J. B. Ribeiro e gravura de R. J. da Costa



resford. Aquelles amores deram azo a um trocadilho, que circulou no exercito francez e em que se visava egualmente a esposa do general Troussert: — *Junot troussait Foy* (Junot, Troussert, Foy). Entre as varias lisboetas que se hypothecaram ao coração de Junot, figurava a linda filha de João Pedro Baylac, perfumista francez da rua Nova do Almada, uma filha d'um vereador do Senado, o Mascarenhas Netto, cujo irmão apparecia entre os ajudantes de Junot na tribuna de S. Carlos, e D. Maria de Noronha, esposa de D. Luiz da Camara. Aquelle audaz conquistador levantou as paralellas para fazer cêrcos ás bailarinas de S. Carlos, especialmente á amante do napolitano Vicente Fago, 1.º bailarino, que foi repulso do theatro e cujo requerimento teve o seguinte despacho, quando exigiu os ordenados em divida: — *Son Excellence le duc d'Abrantes a declaré qu'il ne vouloit que ce danseur reparoit sur le theatre San Carlos; il avoit déjà ordonné d'avance à Mr. Lodi de ne signer aucun engagement definitif avant d'avoir es-*

sayé les sujets. Si Mr. Lodi l'a fait le danseur a contre lui son recours, et peut faire ce qu'il entendra à ce sujet.

Diz-se que Junot gualdiu cincoenta e quatro contos de réis com os seus amores de Lisboa.

Entre estes caprichos dos sentidos, o que se esmaltou de mais reluzente relevo foi, indubitavelmente, o da condessa da Ega. Quando D. Juliana Maria de Oeynhausausen brilhava com o phosphoro da primeira mocidade, casou com o 2.º conde da Ega, cuja anthropometria moral o predispunha para as catastrophes conjugaes de Menelau. Este hymeneu, se não foi colmeiado pelas abelhas do Hymeto, foi, contudo, considerado como o mais pomposo que até então se celebrára na côrte, porque se dispenderam n'elle para cima de oitenta contos de réis, o que, dadas as calamitosas circumstancias do tempo, fez aziumar os patriotas, que lhe chamaram «um insulto ás vigentes calamidades publicas». Um sublinhador de actualidades marginava o facto com esta nota em um manuscrito da epoca: — *Conta-se que o Alfayate, hindo a vestir a farda a hum dos parentes do Noivo, lhe disse que só pelas fardas que tinha feito para varios Senhores pertencentes á Familia, a caza da Ega ficava empenhada para muitas gerações seguintes.*

No tempo dos Francezes, a condessa da Ega magnetizou a curiosidade como o iman magnetisa o ferro, polarizou a attenção como a tormalina polarisa a luz. Figura cortada no veio branco de



1—O marechal Massena, duque de Rivoli

2—O general barão Thiébault

3—O marechal Lannes, duque de Montebello

4—O palácio do largo do Quintella, onde se hospedou Junot (Cliché BRESOLLE).

O ANJO CUSTODIO DO REINO
 Exterminando de Portugal a Aguia de Napoleão e a tropa Franceza



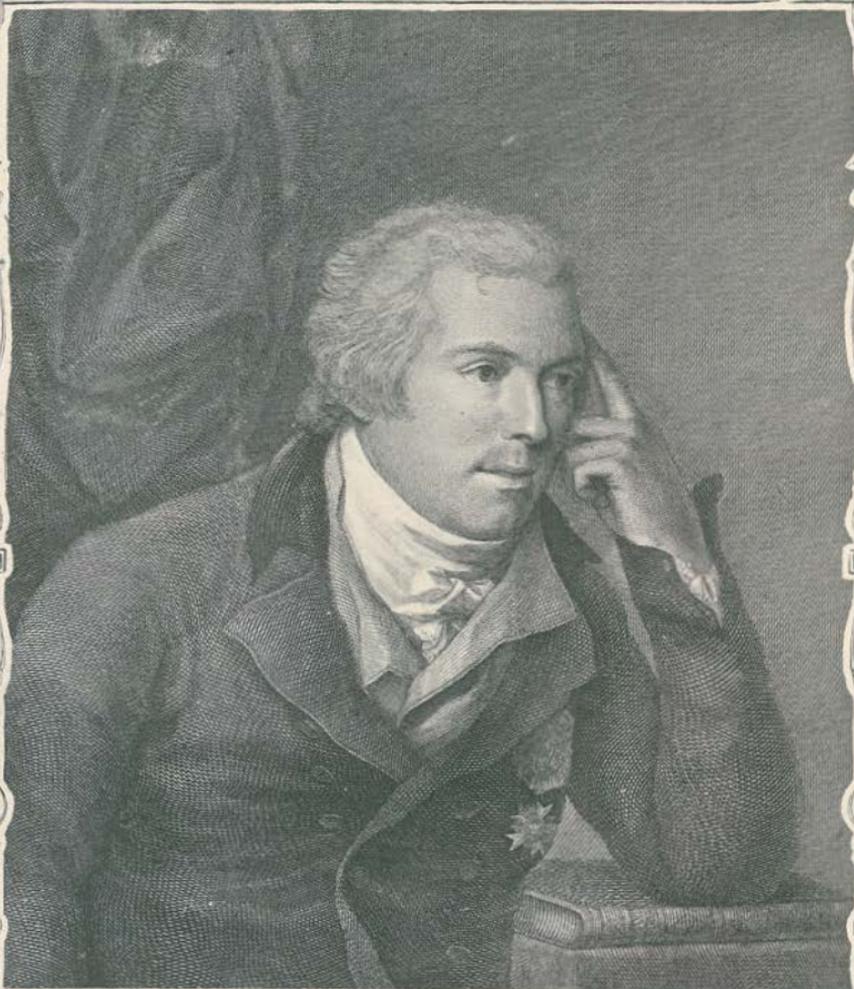
VICTORIA ALCANÇADA PELAS ARMAS BRITANICAS E POR
 TUGUEZAS NO SÍTIO DO VIMEIRO CONTRA OS FRANCEZES

EM 21 DE AGOSTO DE 1808

uma agatha, dil-a-hiam descida de um pedestal para vir exercer uma realצה de pacotilha n'uma cõrte de chrysoalco, mas tambem para ser golpeada pelo infatigavel bisturi da detracção patrio-

tica e para soffrer a verde colera dos Tertulianos de botequim.

Quando Junot deixou Lisboa, um jornal inglez publicou estas sapidas linhas: — «Tivemos a felicidade de restituir á França um



Thomson del. Goussier sculp.

G. F. de Courcy sculp. em L.^a 15. 1

^{III} O
^{III} O
 SENHOR
 ANTONIO de ARAUJO de AZEVEDO
 do Conselho de Sua Magestade Fidelissima
 Christo, Ministro e Secret. de Estado
 del. Comm. de S. Pedro do Sul da Ord. de
 dos Neg. Estrang. e da Guerra. 1777.



dos bravos generaes do exercito do
 Corso. Mas não vae sósinho, e po-
 demos-nos convencer, mais uma
 vez, que o Oriente lhe insuflou os
 seus costumes. O seu serralho é ain-
 da mais numeroso do que era em
 1801. *Madame Foy* e a condessa da
 Ega occupam n'elle o primeiro lo-
 gar. Outras folhas inglezas coscui-
 lhavam que Junot tinha aqui amo-

res carnaes com tres mulheres, ao
 mesmo tempo: — *a lustful and not
 spiritual love for three*. Todavia, o
 sr. conde Charles de Moüy, pos-
 suidor de todos os papeis de Ju-
 not, graciosamente nos informou
 que, entre elles, se não encontram
 nenhuns documentos attinentes a
 estas relações amorosas da con-
 dessa da Ega, sendo presumivel



que, a existirem, os tivessem destruído após a morte do duque de Abrantes.

A propósito do concubinato de Junot com a condessa da Ega, referiremos uma anedocta, mediante a qual se prova a soberbia de caracter d'esta fidalga. Uma vez, encontrando-se Junot a conferenciar com um dos seus ajudantes de campo n'uma sala do palacio do Quintella, estando sentado de costas para a entrada emquanto o ajudante o escutava de pé, sentiu abrir-se repentinamente a por-

Estes amores adulterinos deram visgo ao plectro dos cancionistas. Tanto monta dizer que os versistas ecurris apegaram o conde da Ega e sua esposa, a aristocrata que ousara atirar a corôa de condessa por cima das azas desvairadas da sua phantasia:

*Dizem que se transtornaram
Conde da Ega e mulher,
Elle em burro p.,
Ella em besta d'aluguer.*



O embarque do general Junot, depois da convenção de Cintra, no Caes do Sodré
(Composição de H. L'Evêque, gravura de Bartolozzi)

ta. Voltou-se e notou que era a condessa da Ega, que vinha, de peito feito, para interceder a favor de um preso politico. Junot, apenas a viu, retomou a primitiva posição, empertigou-se no respaldo da poltrona e continuou a conversar com o ajudante, fingindo não ter dado pela condessa. No momento em que esta torneava Junot, no intuito de lhe falar cara a cara, o general fez outra reviravolta e tornou a ficar de costas para ella. A condessa, melindrada com a grosseria, abespinhou-se toda, bateu com o pé no chão e exclamou com empáfia: — «Volte-se! Lembre-se que está falando com uma grande fidalga portugueza!»

*Truz... Truz... Quem é?
Aqui é que mora o almocreve,
Que aluga a Egua e anda a pé?*

Nos *mentideros* lisboezes, correu que a condessa da Ega já tivera amores com o principe Augusto Frederico, duque de Sussex e 6.º filho do rei Jorge III. que habitou no palacio das Necessidades de 1801 a 1804, sendo intimo amigo do conde da Ega, do Marquez de Alorna, de Gomes Freire, do Principal Camara, de Lord Fitz-Gérald, do cardeal Pacca, nuncio apostolico, e do principe de Corini, um napolitano illustrissimo que esteve em Lisboa e sustentou relações estreitas com a Catalani, a



Condessa de Oeynhausen.
De um retrato de 1782
(Lithographia de Sendin)

Gafforini, o Naldi, o Mombelli e a primeira bailarina de S. Carlos Joseph Radaelli, amante do conde de Villa Verde. O príncipe Augusto vivia desquitado de sua mulher, que chegou a Lisboa em 1802 e se installou nas Necessidades,

tendo elle então de se esconder em casa do marquez de Pombal, ás Janellas Verdes, onde a princeza veio em cata do marido nas noites de 20 e 23 de Março, intentando fazer-se passar pela incomparavel modista *Madame Bertin*. Mas deram-lhe na trilha e a princeza foi obrigada a retirar-se no paquete para Inglaterra. O príncipe Augusto frequentou muito o paço de Queluz, dava assembléas super-elegantes nas Necessidades, era assinante de uma friza de bocca de S. Carlos e entrava nas caçadas reaes em Salvaterra, onde se hospedava no Paço Velho e jogava o voltarete com D. Carlota Joaquina e o marquez de Marialva.

A pluralidade dos amores alfacinhas obrigava Junot a esquecer-se da esposa, como se demonstra com o seguinte facto. A insurreição da Hespanha tinha aniquilado a base de operações e cortado as communicações do exercito de Junot com a França, mas o general Thiébault conseguira, por artes de berliques e berloques, correspondor-se com sua mulher. Em certa noite, lembrou-se de ir ao theatro de S. Carlos, para perguntar ao general em chefe se queria mandar noticias suas á duqueza de Abrantes. Mas foi trabalho baldio, porque Junot respondeu-lhe, meio agastado: — «Que disparate!» Ao que Thiébault retrucou: — «Pois bem! Darei novas de V. Ex.^a á senhora duqueza». Junot, porém, limitou-se a acolher philosophicamente os hombros e a voltar-se para a scena. Caê de proposito reterir, que, de 1807 a 1808, elle pouquissimas cartas escreveu de Lisboa para sua mulher.

Tem-se escripto que os amores da condessa da Ega com Junot datavam já do tempo em que este exercera o cargo de embaixador na nossa côrte. Não cremos, porém, que seja exacto, pelas razões que passamos a adduzir. O embaixador Junot e sua mulher chegaram a Lisboa em 12 de Abril de 1805 e os condes da Ega partiram para Madrid em 17. Não nos parece, portanto, que aquellas relações se estabelecessem no curto espaço de cinco dias. A propria duqueza de Abrantes confessa que não conheceu a condessa da Ega em Lisboa, mas só em Ma-

drig, quando a escriptora regressava a Paris. Apenas o conde da Ega teve uma conferencia com Junot, antes de seguir para Madrid, onde ia desempenhar as funcções de ministro plenipotenciario, em substituição de Cypriano Ribeiro Freire, que morava na *calle Alta de Fuencarral* e que obteve licença para as bagagens do novo ministro não serem revistas em Badajoz. O conde da Ega teve como secretario da legação o Dr. José Eloy Ottoni, depois deputado ás côrtes de 1821. A graça polyedrica da condessa da Ega triumphou no conflicto vital das elegancias matrizes, deu a nota tonica nos saldes da metropole hespanhola: nos das duquezas de Ossuna, de Alba e do Infantado, no da espirituosa marqueza de Ariza, no da proterva marqueza de Penafiel, no do embaixador Beurnonville, no do conde de Heltz, embaixador austriaco, e no do barão de Strogonoff, ministro russo. Enquanto ella se escravizava ao jugo da diplomacia mundana, seu marido careava as sympathias do principe da Paz e apresentava na côrte o joven D. Pedro de Sousa Holstein, futuro duque de Palmella. Em consequencia do tratado de Fontainebleau, o governo hespanhol entregou os passaportes ao conde da Ega, obrigando-o a sahir de Madrid no prazo de 48 horas e de Hespanha dentro de 10 dias, motivo por que o conde alquilou uma carruagem de posta, que o transportou, n'um rufo, á fronteira portugueza, e motivo por que só em Elvas poudo communicar ao nosso governo que fóra obrigado a largar o seu posto diplomatico. Devido á precipitação da partida, a sua familia não o acompanhou, por ser comoesta de quatro senhoras, a pequena Maria José Juliana (afilhada da condessa da Ega e depois cunheira da marqueza de Alorna) e muitos creados de ambos os sexos, entre elles as creadas Linna Gertrudes e Maria da Purificação.

Assim, a condessa da Ega só voltou para Lisboa algum tempo depois de seu marido, indo reoccupar o seu palacio do Pateo do Saldanha, á Junqueira, que estivera alugado por 800000 réis annuaes ao tenentecoronel Felisberto Caldeira. Sua mãe, a marqueza de Alorna, sahira, parece que por ordem régia, em principio de 1807 para Madrid, onde Cypriano Ribeiro Freire lhe deu passaporte



Condessa da Ega
Miniatura em poder da
sr.^a marqueza
de Fronteira no seu pa-
lacio de Bemfica
(Phot. de J. Barcia)

para Inglaterra, voltando a Lisboa com uma filha em 30 de Setembro de 1809, procedente de Falmouth, trazendo uma carta recommendatoria do duque de Cumberland, 5.º filho do rei Jorge III, para o ministro inglez John Charles Villiers, e um passaporte de D. Domingos de Sousa Coutinho. A filha hospedou-se em casa do conde da Ribeira e ella foi para o palacio Fronteira, em Bemfica, onde o Corregedor de Belem, Antonio Mauricio Vasconcelos de Menezes, lhe intimou, por determinação da Regencia, que voltasse para Inglaterra. Antes de partir, a marquez de Alorna mudou-se para casa do conde da Ribeira, allegou que não tinha meios para subsistir com sua nune-

rosa familia em Londres e pediu que o nosso governo a subvencionasse por intermédio do *Comité* portuguez n'aquella capital, de onde tencionava trasladar-se para o Brasil, conforme asseverava n'uma carta a Cypriano Ribeiro Freire, datada da Barra grande de Lisboa e escripta ás 3 horas da manhã de 30 de Setembro de 1809. Segundo dizia Salter de Mendonça, a Regencia ficara enjoadas com a vinda da marquez, que recebia 3:000 cruzados annuaes por ordem de D. Maria I. Sua cunhada, a marquez de Alorna (D. Henriqueta), fôra recolhida, por ordem governamental no convento da Estrella, de onde passou para o de Chellas com a meçada de 400\$000 réis. E a irmã d'esta, que Junot deixara sahir do mosteiro de Santos, onde estava por uma resolução de S. A. R., acompanhou-a em Chellas, mas tornou em 1811 para aquelle mosteiro.

Se, como dissemos anteriormente, a duqueza de Abrantes não teve ensejo de conhecer a condessa da Ega durante os cinco dias que esta ainda se conservou em Lisboa, antes de partir com seu marido para Madrid, por maioria de razão o não teve o embaixador Junot, visto que o seu tempo disponível lhe era todo absorvido pelas visitas ás individualidades marcantes e pelas niquices inherentes ao seu cargo. E tanto isto nos parece ser a expressão da verdade, que o Secretario de Estado dos Estrangeiros procurou-o na embaixada e não lhe pôde falar, porque encontrou alli innumeras visitas. A nosso vêr, o amor de Junot só em 1807 gravou o seu signal profundo sobre a cera da alma da condessa da Ega. Então, e só então, é que os dois amantes palpitarão na electricidade excitante e fe-

cunda do enthusiasmo reciprocamente comprehendido.

Em a noite de 15 de Agosto de 1808, Junot assistia ao espectáculo de S. Carlos, occupando a tribuna real, como tinha de vêzo em dias de gala, quando um correo do general Delaborde lhe trouxe noticias desagradaveis do theatro das operações. Ergueu-se immediatamente e sahio com os seus officiaes, o que alarmou os espectadores e produziu grande borborinho. Seis dias depois, Junot apanhava uma surra no Vimeiro. Os ajudantes de Wellesley, seu vencedor, estiveram então aboletados na casa que João dos Santos,

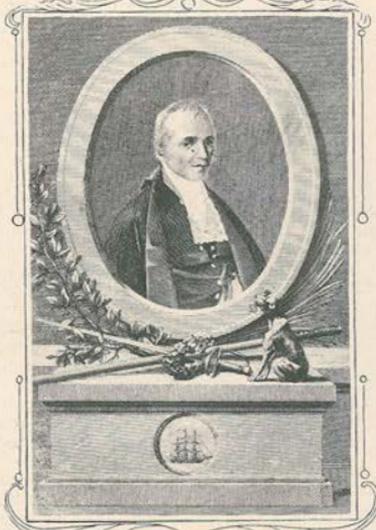
almexarife do Ramalhão, possuia em Obidos, onde, finda a batalha, se banquetearam e liberam em honra do Principe Regente e de Jorge III. Pactuada a convenção impropriamente chamada de Cintra, Junot embarcou em 15 de Setembro de 1808, no Caes do Sodré, para bordo da fragata *The Nymph*, que suspendeu, mareou e botou de barra fóra. N'este entremettes, algem collou o seguinte pasquim na porta da sua ante-camara no palacio do Quintella:

*O senhor duque d'Abrantes
Ficou Junot como d'antes.*

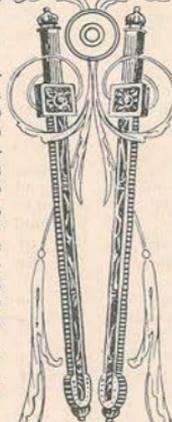
De Paris, Junot remetteu um admiravel serviço de Sévres ao barão de Quintella, seu generoso hospedeiro.

Com a retirada do exercito francez, a condessa da Ega, as suas duas enteadas, o conde da Ega e o seu cozinheiro refugiaram-se em uma nau russiana, porque haviam sido avisados de que a população queria assassinar o conde e a condessa, não obstante saber-se que o conde salvara a vida a muitos portu-

guezes, quando se effectuou a evacuação do exercito inimigo, e apesar da condessa ter salvo a vida a muitos dos seus compatriotas, no numero dos quaes se incluia Bernardo Lobato—irmão dos Lobatos, validos do Principe Regente—, e que até salvaria os nove fuzilados em Fevereiro nas Caldas da Rainha, se o general Loison fôsse menos apressado na execução da sentença. Munidos de passaportes lavrados pelo general inglez e de uma letra de oitocentas libras esterlinas sobre Londres, letra que depois não poderam cobrar n'esta praça, mudaram-se d'aquelle vaso de guerra para uma galera ingleza, que haviam fretado, a qual sahio com os transportes france-



José de Abreu
do povo

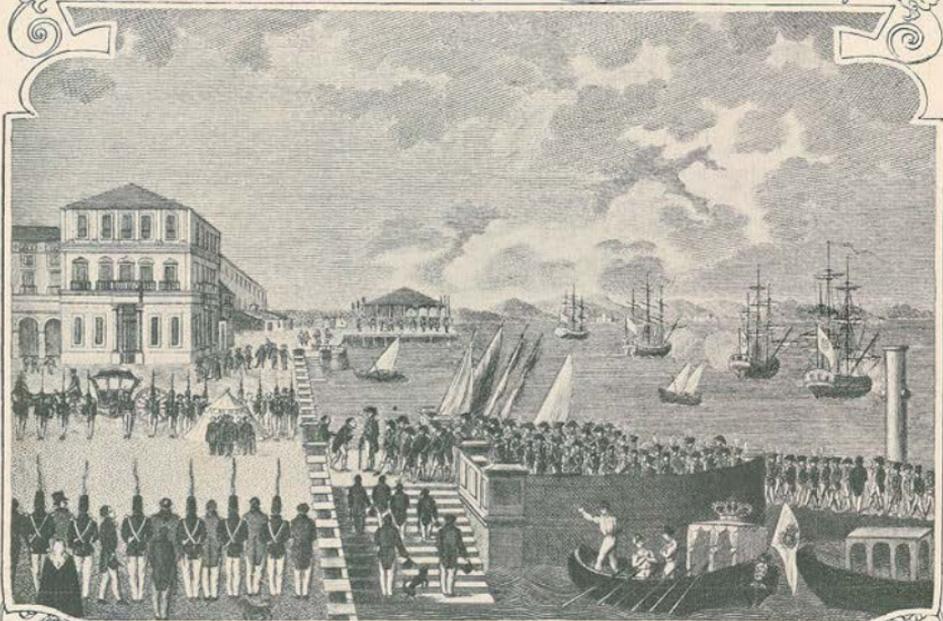


Campos, juiz
em 1808



zes em 15 de Setembro, em direitura a Inglaterra. A galera navegou sempre trabalhosamente e com ventos poiteiros, encontrando, por fim, uma nau ingleza, que a intimou a arribar a Quiberon, onde o conde da Ega chegou doente em 14 de Outubro e desembarcou em 16, seguindo apenas o seu cozinheiro para Inglaterra. De Quiberon, a familia Ega transportou-se para Paris, estabelecendo residencia no *Faubourg Saint-Honoré*, n.º 33. As cartas de Portugal, na expectativa de que fôsem interceptadas, eram remetidas para Londres, a *Mrs.*

Depois da fuga dos condes da Ega, os seus bens foram confiscados e entregues á guarda do seu mordomo Henrique Luiz Pereira. Ao filho do conde, arbitraram-lhe cem mil reis mensaes. E o conde da Ega foi ferreteado com o stygma de traidor em 11 de Janeiro de 1811, por se ter ausentado, sem licença, para o inimigo, em tempo de guerra e com animo hostil. Ao ter conhecimento d'esta sentença, a condessa da Ega abandonou seu marido e foi para a companhia de sua mãe, em Londres. E o seu palacio do



Desembarque de el-rei D. João VI, acompanhado por uma deputação das côrtes, na praça do Terreiro do Paço em 4 de julho de 1821, no regresso do Brazil
(Gravura de Fontes)

Gordon-Murphy, que lh'as enviavam para Paris. N'esta capital, não reinou completa harmonia entre os condes da Ega, chegando a condessa a tratar mal seu marido e suas enteadas, que, dizia o conde, «eram a unica consolação d'elle». Andaram muito fallidos ao dinheiro e contrahiram dividas, mas as suas circumstancias melhoraram nos meados de 1810, porque Napoleão concedeu oitocentos mil reis mensaes aos condes da Ega, que, n'esse tempo, alimentavam a doce esperanza de Massena reconquistar Portugal, conforme o proprio conde confessava ao Marquez de Choiseul, noivo de sua filha D. Leonor, em carta de 18 de Fevereiro de 1810, e a seu filho Antão em carta de 27 de Agosto do mesmo anno.

Pateo do Saldanha passou a servir de hospital militar, e, em 1814, de residencia do marechal Beresford, que morara no palacio Sobral, ao Calhariz, e que reclamara o palacio das Necessidades, onde Lord Wellington habitou de 16 a 20 de Janeiro de 1813, quando veio propositadamente de Cadiz para investir *Sir Charles Stuart* na dignidade de cavalleiro do Banho, retirando-se depois de assistir a varias festas em sua honra, de comprar objectos nas lojas lisboetas e de visitar o gravador Bartolozzi.

Para que Beresford occupasse o palacio do Pateo do Saldanha, tornou-se necessario que o Estado despendesse cerca de 45 contos de reis em reedifical-o e 11 contos e pico em retrastejal-o.

Em companhia de Beresford, viveram o seu mordomo Santiago, o seu cozinheiro João Baptista Barada, muitos creados, o visconde de Juromenha, seu secretario, o seu afilhado Guilherme de Lacerda (depois capitão da guarda real ingleza), filho da viscondessa de Juromenha, e a numerosa familia d'esta titular, senhora que diziam ser amante do marchal e que presidiu ás grandiosas festas que elle deu n'aquella vivenda, onde tambem a condessa da Ega as offerecera a Junot, quando a felicidade de amar subia aos seus corações como uma maré invasora e azul.

Inconfidencia e em que foi sua procuradora a marquessa de Alorna, que, desde 1821, residia com 7 creados na rua do Alecrim, n.º 35 antigo, 55 moderno, de onde se mudou em 1824 para a casa do conde das Galveias, perto do chafariz da rua Formosa, recebendo então 438,185 réis mensaes como dona de honor da rainha. A condessa da Ega casou em segundas nupcias com o barão e 1.º conde de Strogonoff, enviou em 1857 e morreu em S. Petersburgo em 1864. Seu enteado, o 2.º conde de Strogonoff, foi ministro da Russia em Lisboa de 1841 a 1848. O falle-



A Sopa, desenho de Domingos Antonio de Sequeira e gravura de Gregorio Francisco de Queiroz, representando a distribuição da sopa, nas portas de Arroyos, aos indigentes e ás pessoas que soffreram com a invasão franceza. O original do desenho existe no Museu das Janellas Verdes e a chapa da gravura na Academia de Bellas Artes

O conde da Ega foi perdoado pelas Côrtes de 1821 e restituído á fruição de todos os seus bens em 1823. Regressou a Lisboa, n'um paquete inglez, em Agosto, e ficou vivendo com seu filho Antão n'uma casa do Pateo do Giestal. Como, porém, o marquez de Palmella desconfiasse que trazia cartas dos emigrados, collocou-o sob a vigilancia da policia. Sua filha D. Leonor casou em França e sua filha D. Violante em Inglaterra. E o seu cozinheiro voltou d'este ultimo paiz em 1811, anno em que o vamos encontrar entre os consulentes do milagreiro bispo de Bragança, que dava consultas á *alta-gomma* coetanea em Carnide.

Mas a condessa da Ega é que nunca mais voltou á patria. Em 1822, ainda tentou justificar-se n'um processo, que correu pelo Juizo da

cido conde de Villa Franca, D. Pedro Mesquitella, conheceu a condessa da Ega em S. Petersburgo, quando ahí esteve como secretario da legação de Portugal. Era uma velhinha muito branca e muito encarquilhada, mostrando ainda quaõ bella devia ter sido e expressando-se n'um portuguez mascavado. Em tanta maneira se interessava pelos assumptos portuguezes, que, sempre que o conde de Villa Franca a visitava, ella jámais se esqueceu de lhe pedir que voltasse lá para conversar ácerca de Portugal, e que, se não podesse, lhe mandasse o seu creado portuguez para o mesmo effeito. Muitas vezes aconteceu não estar o conde de Villa Franca disposto a aturar a maçadoria, e enviava-lhe então o seu creado, com quem a condessa da Ega

se entretinha em cavaqueira durante largo tempo. E ao relembra os dias róseos da mocidade, quando a sua geometrica elegancia cantava a melodia da linha nos salões cosmopolitas e quando a sua tez de gardenia era illuminada pelo nimbo dos seus cabellos loiros como os incendios da aurora, é muito possivel que sentisse o coração pungido por uma dôr, que só encontraria linimento palliativo no balsamo saigado das lagrimas...

Para Junot, o futuro foi uma traição do passado. Ainda voltou a Portugal em 1810, mas sob as ordens de Massena, e foi ferido em Rio Maior por um caçador do Brunswick. Emquanto as mulheres dos officiaes inglezes, hospedadas nos conventos de Lisboa, esperavam o resultado dos combates nas linhas de Torres-Vedras, Madame Junot dava á luz

um filho em Ciudad-Rodrigo, o que levava os officiaes inglezes a pedirem aos francezes que os desculpassem junto da duqueza de Abrantes, por obstem a que tivesse o seu bom successo nas terras do seu ducado. A taes zombarias, retorquiavam os officiaes francezes, chamando aos inglezes os camarões do rei Jorge, ao passo que os hespanhoes chamavam gabachos aos francezes e cangrejos aos inglezes, porque os carangueijos se tornam encarnados depois de cozidos.

Em 1813, Junot entregava-se ao juizo supremo da deusa de todos os tempos—a Posteridade. E assim acabava um dos mais esforçados caudilhos d'essas hostes, que derubaram thronos, varreram exercitos, accenderam as grandes illuminações do triumpho e passaram, victoriosamente, as aguias impetivas atravez da Europa.

PINTO DE CARVALHO (Tinop)



Conde Charles de Moüy,
neto do general
Junot e possuidor de todos
os seus documentos

LÉON POINSARD EM PORTUGAL



Léon Poinard (Cliché vasqua)



José Mattos Braamcamp

A moderna escola chamada de sciencia social e que se occupa do estudo dos problemas sociaes pela observação directa, como acontece nas sciencias naturaes, tem actualmente como um dos mais illustres representantes o sr. Léon Poinard, auctor de varias obras do mais alto merecimento scientifico, que desde ha annos encontraram entre nós um publico attento e esclarecido. Foi assim que o eminente publicista foi convidado para vir fazer em Coimbra uma serie de conferencias, em que exporá os resultados do inquerito que actualmente está realisando no nosso paiz, baseado sobre o methodo das monographias de familias operarias. Ao lado do retrato do distincto homem de sciencia damos, como era dever de justiça, o do talentoso engenheiro sr. José Mattos Braamcamp, o mais devotado cultor e vulgarizador da nova sciencia em Portugal.

FIGURAS E FACTOS

M.^{me} SELDA POTOCKA—Polaca, compatriota de Sienkiewicz, que ajudou a tornar conhecido em Portugal, podemos, contudo, considerá-la um pouco como nossa já, de tal maneira M.^{me} Selda Potocka parece ter adoptado este paiz como segunda patria, e tão vivas e espontaneas são as sympathias que aqui tem conquistado. Espirito de uma finura e lucidez admiraveis, possuindo em elevado grau o sentimento artistico e indiscutiveis qualidades litterarias, o seu ta-



lento tem-se affirmado por mais de uma vez em manifestações bastante lisonjeiras. Ultimamente, para a festa artistica da actriz Maria Pia, realisada no theatro de D. Maria, escreveu M.^{me} Selda Potocka uma pequena peça em um acto, intitulada *Perdida*, que foi recebida pelo publico com o mais sincero agrado, traduzido nos numerosos e vivos applausos com que o seu trabalho foi galardoado.



1—M.^{me} Selda Potocka (Cliché de BRUTLINGER).
 2 — Bachareis do curso do 5.^o anno theologicco-juridico de 1898-1899, reunidos em Coimbra no dia 29 de abril de 1909
 (Phot. gentilmente offerecida pela acreditada PHOT. COMIMBRICENSE).

ADELINO MENDES. — O livro de Adelino Mendes, *Terras Malditas*, constitui um inquerito da mais flagrante actualidade, e realizado com o mais commovido interesse, a essas pobres terras do Douro, que uma crise intensa lançou na maior desolação. N'elle se revela um jornalista rico de qualidades excepçõaes e possuidor de valiosos recursos.



ALVARO VALDEZ (PENALVA) — Os leitores da *Illustração Portuguesa* ainda não esqueceram decerto as bellas paginas em que Alvaro Penalva, prematuramente morto ha pouco, relatou na nossa revista, n'uma linguagem cheia de calor e de enthusiasmo patriótico, a campanha do Cuamato, em que elle proprio tomára uma parte tão briosa.



D. ANNA DE CASTRO OSORIO. — Na quinta-feira, 6 do corrente, realisonou esta distincta escriptora uma conferencia, no nosso salão de festas, tomando por thema o divorcio, que apresentou como uma reforma de largo alcance social e cujo estabelecimento no nosso paiz defendeu.



1—D. Anna de Castro Osorio (Phot. do amador D. FERREIRA ESTEVES) 2—Alvaro Penalva (Cliché BOUONEL) 3—Adelino Mendes (Cliché VASQUES) 4—Festa de caridade no theatro D. Maria; Quadros vivos n'uma pandeireta pintada por Augusto Pina